



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

GUILHERME LUIZ LIBERALI

CADÊ A PISTA? SKATE E GENTRIFICAÇÃO NA CIDADE DE CHAPECÓ-SC, 2007.

**CHAPECÓ
2019**

GUILHERME LUIZ LIBERALI

CADÊ A PISTA? SKATE E GENTRIFICAÇÃO NA CIDADE DE CHAPECÓ-SC, 2007.

Trabalho de conclusão de curso de graduação
apresentado como requisito para obtenção de
grau de licenciado em História da Universidade
Federal da Fronteira Sul.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Vojniak.

CHAPECÓ

2019

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Liberali, Guilherme Luiz

CADÊ A PISTA? SKATE E GENTRIFICAÇÃO NA CIDADE DE
CHAPECÓ-SC, 2007. / Guilherme Luiz Liberali. -- 2019.
44 f.:il.

Orientador: Doutor Fernando Vojniak.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
História-Licenciatura, Chapecó, SC , 2019.

1. Skate. 2. Chapecó. 3. Gentrificação. 4. Pista do
calçadão. 5. Destruição. I. Vojniak, Fernando, orient.
II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.



HISTÓRIA DA DESTRUIÇÃO DA PISTA DE SKATE DO CALÇADÃO:
OCUPAÇÕES E USOS DOS ESPAÇOS URBANOS EM CHAPECÓ-SC



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
COORDENAÇÃO DO CURSO DE HISTÓRIA - LICENCIATURA
Ribeirão SC - 484, Km 01, Bairro Fronteira Sul, Chapecó-SC CEP 89815-499, 2849-6418
historia@ufes.edu.br, www.ufes.edu.br

**ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

Aos quatro de dezembro de dois mil e dezenove, às 21 horas nas dependências do Campus Chapecó da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFES), reuniu-se a banca avaliadora da monografia apresentada como Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em História constituída pelos(as) professores(as): **Professor(a) Orientador(a) Dr. Fernando Wojniak, Professor(a) Avaliador(a) Dr. Ricardo Machado Professor(a) Avaliador(a) Dr. Francimar Ilha da Silva Petrolli**. O Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em História - Licenciatura – elaborado pelo(a) acadêmico(a) **GUILHERME LUIZ LIBERALI** sob o título: **"HISTÓRIA DA DESTRUIÇÃO DA PISTA DE SKATE DO CALÇADÃO: OCUPAÇÕES E USOS DOS ESPAÇOS URBANOS EM CHAPECÓ-SC"**, obteve nota 7,0 sendo considerado aprovado.

Chapecó - SC, 04 dezembro de 2019.

Prof. Dr. Fernando Wojniak
Professor(a) Orientador(a)

Dr. Ricardo Machado
Professor(a) Avaliador(a)

Prof. Dr. Francimar Ilha da Silva Petrolli
Professor(a) Avaliador(a)

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família, pai, mãe e irmão por toda dedicação, apoio e também paciência durante essa trajetória. À Universidade, aos professores e às experiências que tive durante esse processo de formação, cada qual com sua devida carga transformadora. Agradeço aos amigos(as), colegas do curso e galera da rua, pelos momentos de descontração e também pelas ideias trocadas durante os finais de semana. Ao professor Fernando Vojniak pelas orientações, conversas fundamentais na redefinição do tema e busca pelas fontes. Ao professor Ricardo Machado por toda empolgação demonstrada quando se referia ao tema de pesquisa. Ao Francimar Ilha da Silva Petroli pelos apontamentos durante minha defesa, embora sem tanto tempo de fazer os ajustes necessários. Ao Leonardo Brandão pelo envio dos livros e pela possibilidade de pensar uma história do skate regionalizada. Agradeço aos espaços da biblioteca pública municipal e CEOM por possibilitarem o desenvolvimento da pesquisa, e também aos seus funcionários pela disponibilidade e atendimento, em especial ao André Onghero. À Marcia da Câmara de Vereadores pelo comprometimento e ajuda na localização das atas legislativas. À Associação Chapecoense de Skate (ACS) por todo trabalho envolvido e a todos skatistas/amigos/conhecidos com quem pude conversar e lembrar um pouco dessa história.

RESUMO

Este trabalho tem por finalidade fazer uma história do skate em Chapecó, com o foco na destruição de uma pista de skate que existia no antigo calçadão da cidade, um espaço público de localização centralizada e de grande relevância para a juventude local. A pista do calçadão foi demolida no ano de 2007, sem tantos esclarecimentos aos praticantes, num contexto de recém-chegada de uma grande loja de departamentos na cidade, a Havan, que se instalou num terreno privado ao lado da pista de skate, e também quando a prefeitura pôs em prática um projeto de “revitalização” do calçadão da rua Benjamin Constant. A pesquisa foi feita através de um levantamento e uso de fontes variadas, fotográficas, jornalísticas, virtuais e legislativas, numa tentativa de elucidar os motivos e significados adjacentes desse processo de destruição, revitalização e a consequente gentrificação ocorrida no espaço que outrora se fazia ocupado pelos skatistas e que hoje se encontra transformado, sem movimento, em poucas vagas de estacionamento.

Palavras-chave: Skate. Chapecó. Gentrificação. Pista do Calçadão. Destruição.

ABSTRACT

The present study aims to research the history of Skate in Chapecó, focusing the destruction of the skate park located at the old boardwalk of the city. The skate park, a relevant public place for the local youth, was demolished in the year 2007 without further explanations for the skateboards, in the context of construction of the department store Havan in a private lot nearby the skate park, at the same time the city hall was developing a “revitalization” of the boardwalk in Benjamin Constant street. The research was made using photographic, journalistic, virtual and legislative sources to aim elucidated the motivation and the meanings of this process of destruction, revitalization and consequent gentrification occurred at the space that was once occupied by skateboards and now changed to a public parking lot.

Keywords: Skate. Chapecó. Gentrification. Skate park. Destruction.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Obstáculos adaptados na piscina abandonada do Ivo Silveira.....	16
Imagem 2: Pista do calçadão.....	19
Imagem 3: Utilização do corrimão da Igreja Santo Antônio.....	20
Imagem 4: Vista panorâmica da cidade de Chapecó no ano de 2007.....	22
Imagem 5: Folder de divulgação de campeonato.....	27
Imagem 6: Grupo de skatistas reunidos.....	31

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 CONSIDERAÇÕES SOBRE A PRÁTICA DO SKATE EM CHAPECÓ.....	13
3 DESDOBRAMENTOS DE UM PROCESSO DESTRUTIVO.....	22
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
FONTES.....	39
REFERÊNCIAS.....	40
ANEXOS.....	42

1 INTRODUÇÃO

A escolha desse tema tem um grupo social específico como agente histórico, uma juventude urbana e skatista que transforma a cidade e adquire o seu próprio espaço, uma pista de skate localizada no cerne da cidade. A pista do calçadão, assim como qualquer outra pista de *street skate* (skate de rua), nos remete em muito a uma “cidade artificial” cujas “lombadas”, rampas, corrimões e bordas permitem uma dedicação exclusiva ao lúdico, ao movimento e ao exercício da criatividade, criando um contraste alarmante com a rotina cansada e regrada das grandes e médias cidades. Escrever sobre a destruição de um espaço destes, para além de ser unicamente uma história do skate, é também discorrer sobre a cidade e as prioridades de um governo que, muitas vezes, mais vinculado aos interesses privados do que públicos, recorreu-se a um desenvolvimento excludente às custas de um lugar esportivo/cultural/público que deixara de existir.

No que se refere à pesquisa, primeiramente optou-se em estabelecer contato e conversar de forma bastante espontânea com alguns skatistas da geração da pista do calçadão. Por se tratar de uma história cuja temporalidade em foco está muito próxima da atualidade, a localização desses indivíduos se fez com certa agilidade, pois alguns ainda são praticantes ou estão envolvidos, de alguma forma, com o universo do skate, dentro ou fora da cidade de Chapecó. As conversas demonstraram uma certa compatibilidade entre os assuntos tratados, alguns desvios e focos de atenção alternados foram identificados, mas o que emergiu-se como uma fato e um ponto chave para o desenvolvimento desse trabalho, é que quando questionados, a primeira afirmação que a grande maioria dos skatistas fazem acerca dos motivos que levaram à destruição desse espaço singular, é através de uma clara associação com a recém-chegada das lojas Havan em nossa cidade e a transformação da pista do calçadão em um estacionamento rotativo.

Uma situação conflitante se evidencia, a destruição de um espaço gerador de cultura, lazer e esporte, justificado pela implementação de outro espaço, cuja particularidade se detém a um uso meramente mercadológico. E para agravar de forma ainda mais adversa esta situação, ora compreendida pela “troca” das finalidades de um determinado espaço em comum, o local que fora definido para que a Havan se estabelecesse e cumprisse sua meta de abrir as portas a um grande público consumidor, não corresponde ao mesmo perímetro em que se situava a antiga pista da cidade, mas, uma localização beirada pelas proximidades entre um e o outro, o que nos faz questionar o fundamento de uma real necessidade de demolição da pista de skate, e também a possibilidade de incorporar outras interpretações, ligada

estritamente à presença dos skatistas em um local que poderia vir a ser, um ponto estratégico para uma reestruturação feita aos moldes dos interesses e investimentos privados.

Para viabilizar a localização e acesso às fontes históricas, de caráter documental, textual e imagética, foi priorizado a comunicação com a Associação Chapecoense de Skate (ACS) e com os presidentes das associações anteriores, como foi o caso da ASBC (Associação de Skate e BMX de Chapecó) e a Chapecó SK8¹. Esse contato partiu do pressuposto de uma representabilidade constituída por essas organizações no que se refere à prática do skate e à composição de um cenário local, cujo intuito foi de acessar informações e verificar a disponibilidade de materiais referentes não somente à temática condutora dessa pesquisa, mas que abrangessem também outros momentos históricos relativamente mais distantes. O que percebe-se é que essa memória se faz essencialmente pelos registros fotográficos e audiovisuais através de um processo de decodificação visual e numa oralidade que eventualmente é transmitida às novas gerações skatistas.

Após essas comunicações e um prévio levantamento de dados, a pesquisa ganha um formato mais prático, com o propósito de encontrar uma documentação como base para melhor entendermos o processo de destruição da pista de skate e a consequente transformação desse espaço. Dentre as fontes utilizadas, são elas: as jornalísticas, consultadas no CEOM (Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina) e na Biblioteca Pública Municipal de Chapecó “Neiva Maria Andreatta Costella”, atas/requerimentos legislativos resgatados na câmara municipal, fotografias adquiridas com a Associação Chapecoense de skate (ACS) e com o representante/fotógrafo da antiga associação Chapecó SK8, e uma fonte virtual oriunda de um fórum sobre arquitetura e desenvolvimento urbano, chamado *skyscrapercity*.

O trabalho está organizado em duas partes. Em um primeiro momento foi abordado algumas noções gerais sobre a prática do skate e sua associação com os movimentos contraculturais norte-americanos e, logo em seguida, foram feitas algumas considerações sobre a prática do skate em Chapecó, situando o desenvolvimento dessa atividade, que começa ocupando determinados espaços da cidade, até ganhar corpo onde passa a se reelaborar nas pistas de skate, que começam a surgir a partir dos anos 2000². Em um segundo momento, buscou-se esboçar o cenário político-econômico de Chapecó no ano de 2007 e, assim, no decorrer da apresentação das fontes, contextualizar o processo de destruição da pista de skate, considerando as questões políticas da época, de um projeto de governo e

1 O contato foi feito com o presidente da ACS Fagner Pascoalini “Topo”, e com os representantes das associações anteriores, Lucian Dalçoquio “Cupin”, Charles Girardi e Tiago Pavan “Toddy”.

2 Parte das informações relativas a essa história, foram-me repassadas pela Associação Chapecoense de Skate (ACS), através de um documento contendo as experiências e impressões de três gerações de skatistas: “Topo” (2000), “Barbosa” (1990) e “Toddy” (1980).

planejamento de cidade orquestrado em desvalorização à amplitude de interesses da juventude e à ocupação dos espaços públicos.

Tratar a prática do skate como um objeto de estudo, cabível de investigação e análise interpretativa, é uma preocupação bastante recente nas universidades brasileiras. As pesquisas acadêmicas sobre o skate, embora podem ser localizadas desde a década de 1980, só ganham uma expressividade, ainda que pouca, no decorrer dos anos 2000. O material bibliográfico se encontra em maior amplitude autoral nas áreas das Ciências Sociais, Antropologia e Educação Física, apresentando uma análise do skate sob um viés do presente. Já no campo da História, poucos são os pesquisadores que se dedicaram à produção escrita, dentre eles podemos destacar as pesquisas do historiador Leonardo Brandão, que em sua dissertação (2006) faz uma abordagem do skate de rua (*street skate*) e suas representações no espaço urbano, além de demonstrar o início do desenvolvimento do skate nos Estados Unidos e no Brasil. Em sua tese (2012), Brandão desenvolve uma história do skate no Brasil (1970-1990), investigando os modos como essa prática foi cooptada pelo universo esportivo, e também trilhada por um caminho alternativo ao esporte, associada aos movimentos juvenis de contracultura (punk rock). Ainda segundo o autor, há uma série de artigos publicados sob temáticas variadas, como por exemplo a marginalização do skate e a proibição dessa modalidade na cidade de Blumenau – SC. O pesquisador Tony Honorato, embora tenha produzido sua dissertação (na área da Educação) sobre a tribo skatista e as instituições escolares, também escreveu artigos (2004, 2013) expondo aspectos históricos que envolvem o processo de esportivização do skate no país, dedicando maior atenção aos principais acontecimentos que transformaram a prática dessa atividade em um esporte. Em uma vertente não acadêmica, temos a publicação do livro intitulado *A Onda Dura* (2000), que propõe uma síntese histórica de três décadas da presença do skate no Brasil (1970-1990). Escrito por skatistas que vivenciaram o período proposto (Cesinha Chaves, Fábio Bolota, Marcos Cunha Ribeiro e org. de Eduardo Britto), o livro se torna uma importante fonte de pesquisa, pois trata-se basicamente de uma memória acerca dos fatos. Além dos estudos já citados, é possível encontrar alguns artigos de cunho científico e trabalhos de conclusão de curso que se propuseram a desenvolver uma história do skate, geralmente sob uma perspectiva regionalizada, delimitada a uma determinada cidade do país ou a um uso pré-definido de fontes.

2 CONSIDERAÇÕES SOBRE A PRÁTICA DO SKATE EM CHAPECÓ

Antes de iniciar propriamente a escrita sobre a presença do skate em Chapecó-SC, faz-se necessário informar que a prática dessa atividade que se irradiou atingindo a vida de tantos jovens pelos arredores do nosso globo, tem em sua história uma forte ligação com os movimentos contraculturais norte-americanos, primeiramente na década de 1960, com as experimentações corpóreas e a ascensão de uma nova categoria social: a juventude, e posteriormente durante a década de 1980, quando a prática do skate, já consolidada, adquire notória influência do punk rock e redefine-se com o advento de uma nova modalidade, o *street skate* (skate de rua).

Nos Estados Unidos, o período pós-guerra, gerador de um grande impacto nos diferentes segmentos da cultura ocidental, conseqüentemente abriu uma brecha para a reelaboração de práticas e comportamentos juvenis que buscaram um rompimento e a contestação dos antigos valores hegemônicos arraigados nos tradicionalismos do *american way of life*, da sociedade do consumo, conservadorismo e padrões preestabelecidos na conduta familiar e religiosa. Referindo-se a essa emergência juvenil e às alterações nos modos e costumes ocorridos durante a década de 1960, o historiador Eric Hobsbawn utiliza termos como “cultura jovem” e “revolução cultural” para sintetizar a matriz dessas ondas de liberações e dos posicionamentos de rejeição aos valores que limitavam a autonomia do próprio desejo humano³. O rock n’ roll, a psicodelia, a liberdade sexual, a ecologia e o esoterismo foram alguns dos meios pelos quais a energia canalizada dessas novas gerações ganhou expressividade e movimento contracultural.

O desenvolvimento do skate insere-se nesse contexto e não demora a se espalhar em outros países, principalmente os latino-americanos pela influência que receberam da cultura estadunidense, verificada inclusive pelos regimes ditatoriais implantados nesses países a partir da década de 1960. Em relação à associação entre o skate e contracultura, Leonardo Brandão escreve que, com os movimentos de esquerda enfraquecidos, muitos dos jovens brasileiros que aderiram a essas novas práticas corporais, “esportes radicais”, buscavam vivenciar experiências de excitação, de libertação, que de certo modo promoviam uma contestação que não tinham mais a ver com os dilemas políticos da época, “haja vista que a contracultura é um movimento *drop out*, isto é, pula-se fora do sistema, não há uma tentativa de alterá-lo como um todo”. (BRANDÃO, 2014).

3 HOBSBAWM, Eric. Era dos Extremos: o breve século XX: 1914 – 1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

Durante as décadas de 1960 e 1970, o skate se configurou como uma prática muito associada ao surf, expandindo-se pelas grandes capitais brasileiras, sobretudo nas cidades litorâneas, através de uma presença mais significativa de praticantes e com antecedência às regiões mais interioranas do país. O skate passa a ser percebido como um estilo de vida, mas tem sido na década de 1980, como demonstra Brandão, que a prática dessa atividade adquire certa autonomia, trilhando um caminho alternativo à noção moderna de esporte e também de diferenciação em relação ao surf, momento de ascensão do *street skate*, modalidade essa que vinha sendo retratada como uma “cultura corporal anárquica” associada ao punk rock. (BRANDÃO, 2014).

Essa relação do skate com o punk, além de se fazer no partilhamento de certos ideais e filosofias suburbanas, e também nas vestimentas e usos de determinados símbolos, verifica-se sobretudo através da música, quando em meados da década de 1980, muitas bandas de punk rock pareciam traduzir uma vontade skatista: “o tom frenético e a atmosfera de caos de muitas bandas de punk rock provocavam uma sensação de agito e movimento corporal que incitavam a prática do skate” (BRANDÃO, 2014, p. 157). Essa relação transformou a forma de conceber o skate perante os espaços da cidade, que passou a se portar com certa radicalidade e agressividade anteriormente inexplorada, tratava-se do skate invadindo as ruas, o *street skate* em definitivo “campo de batalha”:

Eu quero mais é asfalto e concreto, para pegar meu skate e sair por aí, gastando minhas rodas, descendo e subindo ladeiras puxado por ônibus, *dropar* de muros, horrorizar o trânsito, achar transições para uma boa diversão, entrar na contra-mão, subir guias, etc. Por que? Porque nós amamos isso, vivemos disto! Imagine a infinidade de coisas que uma cidade pode ter em suas ruas, postes, carros, guias, *shits*, bêbados, *bitchs*, transições, buracos, valas, velhas e muito asfalto. E o que isto significa? Obstáculos? Talvez sim, para aqueles que não possuem a ousadia de encarar ruas desconhecidas e terrenos inexplorados. Mas para outros, todos esses “obstáculos” se transformam num verdadeiro campo de batalha, em que o objetivo é demonstrar o domínio sobre a arma de ataque: o skate. E o *ground* de ação: as ruas!. (Revista Overall, nº 2, 1986, p. 6. in BRANDÃO, 2014, p. 160).

Pensando essa relação entre skate e cidade, para o antropólogo Gian Carlo Machado, os skatistas transitam no espaço urbano e interagem com ele tendo em vista a procura por *picos*, isto é, equipamentos urbanos dotados de certas características que possibilitam a prática do skate. Os *streeteiros*, como muitas vezes se denominam os skatistas adeptos da modalidade *street skate*, na condição de cidadãos, vêem a cidade por meio daquilo que muitos deles chamam de *olhar skatista*. Essa expressão nativa que pode ser entendida como algo que “guia” as práticas desses cidadãos, reverbera a percepção que os skatistas possuem dos

espaços e equipamentos urbanos, que dependendo de suas características os mesmos podem ser considerados *picos*, os quais se tornam obstáculos a serem superados. (MACHADO, 2011).

Desta forma um corrimão não serve somente para dar segurança a quem utiliza uma escada, mas também para ser deslizado com o skate. Uma escada não é apenas para se passar de um nível ao outro, mas para ser pulada. Uma escultura não é só para ser olhada e apreciada, mas ao contrário, pode servir como uma inclinação propícia para manobras. Os exemplos se estendem aos bancos, às bordas, às placas de trânsito, etc. Portanto, ao circular pelos espaços urbanos e ao ressignificar as finalidades atribuídas aos seus respectivos equipamentos, a cidade ganha novos contornos a partir das experiências dos *streeteiros*. (MACHADO, 2011, p. 26).

Em relação a essas apropriações que os skatistas fazem de determinados aparelhos urbanos, como um meio de expressão e expansão de suas subjetividades, Leonardo Brandão vem a denominar esses usos diferenciados dos espaços como *hetereotopias*, noção emprestada de Foucault.

A partir do experimentalismo estético/espacial que os skatistas de rua (*street skate*) passaram a realizar a partir da segunda metade da década de 1980, e que certamente não era o posicionamento esperado pelos urbanistas, arquitetos e demais pensadores do urbano, podemos identificar nessa atividade uma série de contrapositionamentos *hetereotópicos*. De fato, esse novo uso do skate engendrava uma forma de ver e utilizar o espaço que não era o previsto nem o aceitável institucionalmente. Pois fazer de um corrimão um obstáculo e não um instrumento de ajuda para apoiar o corpo, usar escadas para saltos e não como um auxílio para se passar de um nível ao outro pavimento são exemplos concretos, reais e localizáveis de *hetereotopias*; isto é, de invenção de outros espaços dentro dos próprios espaços. (BRANDÃO, 2014, p. 158).

Em Chapecó, o skate começa a ser praticado em meados da década de 1980. Tratava-se de uma atividade ainda muito dispersa, associada à infância, e demorou alguns anos para que o skate se consolidasse como uma prática coletiva e definidora de um estilo de vida. Nisso reflete a própria dificuldade em se adquirir um skate em regiões interioranas, que num contexto local, morfologicamente apresentou algumas mudanças, verificado entre a primeira geração de skatistas o uso de skates de plástico, passando pelo estilo tubarão com *trucks* (eixos) normais, até chegar ao modelo padrão que começa a aparecer a partir dos anos 1990.

A prática do skate passa a ganhar mais adeptos a partir de 1994/1995, quando começam a surgir pequenos grupos de skatistas praticantes do *street skate*, que começavam a explorar as ruas da cidade e também a praticar em obstáculos construídos e improvisados em frente a casa de amigos. Essas andanças da primeira e segunda geração de skatistas pelas áreas centrais da cidade, demonstram o início de uma seletividade e ocupação mais significativa de determinados espaços/equipamentos urbanos, na qual acabam por se

configurar em uma série de *picos*, ou seja, pontos de encontro e locais considerados tradicionais para se praticar o skate. Dentre esses espaços, públicos e privados, destacam-se: o castelinho – casarão antigo da cidade em que à época funcionava a biblioteca pública municipal –, a igreja catedral Santo Antônio, o estacionamento do supermercado Brasão, o piso da “MDM” Morandini de Marco, as quadras do antigo colégio Bom Pastor e a piscina abandonada do Ivo Silveira.

Imagem 1. Obstáculos adaptados na piscina abandonada do Ivo Silveira.



Autoria desconhecida, final da década de 1990. Fonte: Associação Chapecoense de Skate (ACS).

A piscina do Ivo Silveira, localizada onde hoje situa-se os fundos do Centro de Cultura e Eventos Plínio Arlindo de Nes, pode ser considerada como um ponto determinante no desenvolvimento da cena do skate em Chapecó, justamente por ser o local mais frequentado durante a década de 1990, cuja ocupação se estendeu até os primeiros anos do novo milênio, reunindo uma gama bastante diversificada de jovens. A particularidade do local, por se tratar de uma piscina já desativada e ressignificada pelos skatistas, permite uma alusão às primeiras “pistas” de skate surgidas no estado da Califórnia/EUA, que na época (década de 1960), quando as cidades californianas eram assoladas pelos períodos de seca, as piscinas

desativadas serviam como transições para eventuais deslizos e manobras pelos skatistas. Embora a prática do skate daquele contexto não se aplique aos anos 90 da piscina do Ivo, as características do lugar ajudou a criar uma “aura” skatista no local, e possivelmente um dos primeiros espaços da cidade a concentrar manifestações artísticas/culturais essencialmente urbanas, que além do skate, se verifica pelas intervenções de grafite e pichações, e pelas influências musicais que rondavam o universo desses jovens, como o rap, o hip hop, o punk rock, o hardcore e outras vertentes do rock n’ roll.

Por se tratar de um espaço cuja finalidade foi alterada, houve alguns contratempos em sua utilização. Se o piso de azulejo da piscina e o *gap*⁴ permitiam manobras de alto impacto e um deslocamento sem a necessidade de tantos embalos, por outro lado, com certa constância os skatistas tinham que fazer mutirões para desentupir as saídas de água da piscina, pois quando chovia, a água que se acumulava no local impossibilitava a prática da atividade, o que tornava necessário um trabalho coletivo de limpeza e escoamento. Outra questão refere-se ao fato de os skatistas estarem ocupando um espaço impróprio à prática do skate – afinal, tratava-se de uma piscina –, e de certo modo, de forma clandestina, contrariando alguns posicionamentos/preconceitos locais. Isso fez com que as atividades policiais se realizassem com certa regularidade, inclusive há menção de que houve a queima dos obstáculos pela polícia, então os skatistas tinham que se deslocar para outros espaços, em fidelidade ao seu nomadismo, mas sem abandonar o local por completo, e quando a poeira por si baixasse, os praticantes construíam novamente seus obstáculos com madeiras e compensados reaproveitados e furtados das construções vizinhas.

A piscina do Ivo é um exemplo bastante elucidativo das *hetereotopias* demonstrado por Brandão, “de invenção de outros espaços dentro dos próprios espaços”, uma piscina que perdera sua utilidade, abandonada pelo poder público, mas apropriada pelos skatistas e transformada em um local que, além de se tornar um *pico*, adquiriu características rudimentares de uma pista de skate, e também um espaço de conflitos e práticas que fugiam das normas instituídas pela sociedade.

Durante o final da década de 1990, principalmente com a virada do milênio, a ocupação de alguns espaços da cidade (*picos* já tradicionais) passaram a se intensificar, tornando o skate uma atividade em crescente expansão. Soma-se a isso, o interesse de inúmeras lojas da cidade (Piana, Lorenci, Pittol e Tasca e Cia), que passaram a ofertar um mostruário especializado em peças de skate, assim como um vestuário “típico” skatista, que se

4 Altura entre o piso superior e o fundo da piscina.

estendia não somente aos praticantes, mas a toda uma geração de jovens que presenciaram os anos 2000. Chapecó, por assim dizer, “respirava” o skate, uma atividade juvenil de origens contraculturais transformada em uma bela mercadoria que rendeu grandes lucros aos empresários locais. Os espaços privados dedicados a essa atividade (pistas particulares) não demoraram a surgir, em plena avenida Getúlio Vargas foi adaptado uma pista no estacionamento da loja Lorenci e posteriormente aparece a X-Games com uma estrutura de dois pisos situada onde hoje é a Dalla cervejaria, na avenida Nereu Ramos.

É inegável a influência desses dois espaços no processo de esportivização do skate, as manobras agora poderiam ser treinadas/elaboradas sem tantas interrupções comumente encontradas pelas ruas, os obstáculos propiciavam uma execução mais controlada e performática dos movimentos, campeonatos passaram a ser organizados, porém, havia o fator monetário envolvente: anda nesses espaços quem tiver disponibilidade de pagar o seu uso. Nesse sentido a pista do calçadão pode ser compreendida como o grande marco para o skate em Chapecó, uma conquista oriunda de muitos anos de luta por parte dos skatistas que reivindicavam a construção de um espaço público apropriado às demandas locais, e também pelo comprometimento da gestão municipal, que na época apoiou a causa e concretizou o que era o sonho de muitos jovens, uma pista de skate gratuita situada no coração da cidade.

O calçadão de Chapecó, onde a pista de skate permaneceu entre o ano de 2003 à 2007, foi construído na década de 1980 com a finalidade de canalizar e cobrir o rio Passo dos Índios que outrora formava um pequeno lajeado na região. Um espaço organizado de forma a promover certa sociabilidade, já possuiu banheiros públicos, bancos, árvores, luminárias, além de sua área favorável à circulação de pedestres. Quando em 2003 durante o governo de José Fritsch e Pedro Uczai⁵, o espaço foi escolhido para abrigar a pista de skate, essa escolha demonstra uma valorização à ocupação dos espaços urbanos centrais pela juventude da cidade, a fim de promover o lazer, a cultura, o esporte, e claro, a incitar a prática do skate em locais controlados, visto que a partir dos anos 2000 o *street skate* se fazia efervescente pelas ruas de Chapecó.

⁵ Gestão 2001 – 2004, Partido dos Trabalhadores (PT).

Imagem 2: Pista do Calçadão



Foto: Tiago Pavan. Ano: 2005.

Segundo matéria do jornal Diário do Iguaçu de 31 de março de 2003, a construção da pista do calçadão, ou como é referida: “Pista de Esportes Radicais de Chapecó”, foi resultado de uma antiga discussão entre os praticantes e a administração municipal, e a obra foi uma das prioridades do Orçamento Participativo de 2001, com um investimento aproximado de R\$ 60 mil, o que resultou em uma área pavimentada de 600 metros quadrados localizada no calçadão da rua Benjamin Constant, na esquina com a avenida Nereu Ramos. Na época, segundo o diretor de Juventude e Lazer do município, Jéferson Ávila, havia uma estimativa de mais de 300 praticantes das modalidades de skate e roller na cidade, com idades que variavam entre seis a trinta anos, o que agregou uma certa urgência na construção da pista, considerada necessária para que os praticantes exercessem a atividade com segurança. Na matéria também é verificável uma finalidade “disciplinadora” atribuída a pista, considerada um local “adequado” e “próprio” para o desenvolvimento do skate: “(...) uma estrutura para que os

praticantes de roller e skate saíam das ruas e passem a usar o espaço exclusivo para as modalidades esportivas”, ou seja, uma contraposição ao skate de rua (*street skate*) e à ocupação dos espaços consagrados como *picos* na cidade. (Jornal Diário do Iguaçu, 31 de março de 2003).

A pista do calçadão foi inaugurada no dia 30 de março de 2003, com a presença de dezenas de praticantes, e após o ato formal, foi realizado um show de rock com duas bandas locais, demonstrando nesse caso a finalidade cultural do espaço, que além de promover o skate como um esporte, serviu como palco de apresentações artísticas, em exemplo à indissociável relação entre skate e música: “Embalados pelo som roqueiro das bandas, os ”roleros” e skatistas saltaram rampas e abusaram das manobras no ar”. (Jornal Diário do Iguaçu, 31 de março de 2003).

Imagem 3: Utilização do corrimão da Igreja Santo Antônio.



Foto: Tiago Pavan. Ano: 2005.

Há de se considerar, que embora a pista do calçadão tenha concentrado a prática do skate em uma área delimitada, e que os praticantes demonstraram uma predileção pelo uso

deste espaço, palco de muitos encontros, eventos e campeonatos, as andanças e a modalidade *street* nunca cessaram, novos *picos* passaram a se constituir, e o skate continuou a se fazer na rua, de forma a acompanhar o desenvolvimento da cidade e a explorar as novas possibilidades e usos dos espaços urbanos que se reconfiguravam.

3 DESDOBRAMENTOS DE UM PROCESSO DESTRUTIVO

Para se compreender com maior amplitude o fator de destruição da pista de skate, numa perspectiva que vá além de um ato isolado ocorrido em determinado recorte temporal, torna-se necessário abranger outras questões que aparentemente não estão ligadas ao skate, mas que são de grande necessidade para esboçar o cenário político-econômico em que Chapecó se encontrara no ano de 2007 e assim situar essa demolição em uma dinâmica maior, ocorrida em consonância a um projeto de governo e planejamento de cidade que beirava um desenvolvimento “a qualquer custo”, numa notável vinculação do poder público em prol do usufruto e interesses do âmbito privado.

Imagem 4: Vista panorâmica da cidade de Chapecó no ano de 2007.



Fonte: Voz do Oeste, 6 de fevereiro de 2007.

No ano de 2007 Chapecó completara 90 anos, uma cidade relativamente recente, inserida em um processo de colonização e urbanização tardia, porém projetando-se de modo a esquivar-se desse atraso, percebido e atenuado com uma grande aspiração de crescimento e

modernização. A foto acima permite um vislumbre parcial de sua área urbana central, os prédios erigidos, em alusão aos tão sonhados arranha-céus, começam a contrastar a antiga paisagem urbana que predomina-se rente ao chão. Uma extensa avenida norte-sul se abre em meio às edificações, trata-se do principal trajeto de circulação da cidade, de alta valorização dos terrenos/especulação imobiliária, ou seja, um patrimônio de poucas famílias, que se encontram forrados de estabelecimentos comerciais, oferecendo ao público chapecoense o compromisso de um perfil consumidor ou de se comportar como um espectador que perambula pelos altos e baixos da avenida em atividade de observação às novas tendências comportamentais verificadas em amostras de vitrines.

Segundo censo do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas), nesse ano a cidade contava com 161.887 habitantes, uma expectativa considerada baixa quando comparada ao censo dos anos 2000 que apresentara 146.967 habitantes, inclusive esse baixo índice de crescimento demográfico foi motivo de preocupação por parte da prefeitura que esperava atingir um número superior a 176 mil. Não poderia se admitir um crescimento tão ínfimo, o que na época levou ao questionamento do trabalho feito pelo IBGE e também a pedidos de explicação à então coordenadora do censo Oneide Lazzarin, que se posicionou mencionando que “o trabalho de coleta foi supervisionado e que nenhum furo foi constatado” porém, como uma possível justificativa à pressão que recebera, disse: “os agentes sencitários encontram muitas dificuldades para realizar a coleta de dados, recebemos porta na cara todos os dias”. (Jornal Voz do Oeste 6 de setembro de 2007).

Para a otimização dos espaços numa cidade que almejava atingir os seus 200 mil habitantes, a exemplo dos médios centros urbanos, a expansão da área central e a verticalização se apresentara como uma possível solução aos problemas habitacionais que estavam se afluindo. “É previsível que, em médio prazo acabem as casas com terrenos amplos porque ao lado começarão a subir os espigões, virão dezenas de vizinhos pendurados nas janelas e adeus a privacidade”. (Jornal Diário do Iguaçu 24 e 25 de fevereiro de 2007).

Em decorrência das mudanças político-partidárias a partir do ano de 2004, um ponto importante para compreendermos esse processo de engrandecimento e expansão da cidade, pode ser verificado a partir da revisão do Plano Diretor de Desenvolvimento Territorial de Chapecó (PDDTC) aprovado no ano de 2007, quando foi decidido a ampliação do centro urbano para os bairros⁶, através da permissão do aumento do limite e altura de edificações em áreas formadas predominantemente por residências, o que levou ao temor dos moradores,

⁶ Os bairros atingidos seriam Jardim Itália, Maria Goretti, Santa Maria, São Cristóvão, Universitário, Líder e Presidente Médici.

preocupados com a dimensão e o grau de impacto que essas construções poderiam vir a oferecer. (Voz do Oeste 12 de junho de 2007, Elizandra Gomes).

Outra questão definida na revisão do Plano Diretor, refere-se à autorização de construção em áreas ambientais protegidas por lei, com o aumento de 300% do potencial de construção nas proximidades do lajeado São José, o principal reservatório de água do município. “Esta reformulação na legislação municipal ocasionou muita polêmica entre estudiosos e ambientalistas, mas, principalmente, entre representantes do setor imobiliário que conseguiram fazer pressão a ponto de conseguir essa regulamentação”. (BERTO, FACCO e FUJITA, 2014).

Quando comparado os atores que participaram da reformulação do plano em 2002/2003 com os da revisão em 2006/2007, para as professoras/pesquisadoras Monica Hass, Myriam Aldana e Rosana Maria Badalotti, verifica-se nessa revisão a fraca participação dos representantes do segmento popular e a hegemonia da representação do governo, principalmente dos conselhos e entidades vinculadas ao mercado imobiliário e da construção. Mutilado em seus princípios, o Plano Diretor de Chapecó, volta a atender os interesses privados em detrimento dos interesses públicos, da coletividade, defendidos no seu projeto original. (HASS, ALDANA e BADALOTTI. 2008). Para outros autores que trabalharam essa questão do Plano Diretor e os impactos/conflitos urbanos em Chapecó, é verificável essa relação um tanto que íntima do então governo com os setores empresariais da cidade: “A revisão do Plano Diretor em 2006/2007, que está em vigência ainda hoje, amplia as áreas para construção em todos os locais, demonstrando, nesse caso, a convivência do poder público e com o setor privado, deixando a esse último o papel de condutor da urbanização da cidade”. (BERTO, FACCO e FUJITA, 2014, p. 212).

Uma das primeiras medidas adotadas pela prefeitura e que dão margens para se configurar um cenário crítico no que diz respeito às práticas esportivas na cidade, pode ser verificado em um comunicado feito no dia 6 de fevereiro de 2007 no jornal Voz do Oeste:

O prefeito de Chapecó João Rodrigues anunciou na tarde de ontem [5 de fevereiro] corte de 30% dos recursos para as modalidades esportivas, além de outras decisões. Quis amenizar uma situação com outra, ou seja, ao mesmo tempo em que anunciou o corte de verbas, anunciou o incentivo às escolinhas. Interpretem como quiser, mas não foi uma boa jogada. O ideal seria o incentivo aos dois e não deixar de incentivar um setor para incentivar o outro. Com certeza vai levar críticas dos defensores do esporte de Chapecó. (Jornal Voz do Oeste, 6 de fevereiro de 2007).

Verifica-se nesse comentário o transparecer de uma contradição, ou melhor dizendo uma “sacada” da prefeitura que, ao mesmo tempo em que anuncia o tal corte de verbas,

recorre-se também a um incentivo, porém parcial, numa clara tentativa de cobrir ou amenizar tal postura desvinculada à amplitude de interesses dos jovens e crianças dessa cidade. Quando o comentarista se dirige às “escolhinhas”, ele se refere ao então projeto desenvolvido pela Prefeitura e a Fundação Municipal de Desporto, intitulado de “Atleta do futuro”, um nome forte e impactante que traz em si um poder de compromisso e de respaldo social, mas que por finalidade fosse também suficientemente capaz de persuadir e levar a crer que a situação dos esportes em Chapecó estava sendo no mínimo promissora.

Para além do propagandismo verificado nas páginas dos jornais da cidade, de exaltação do sucesso que fora esse projeto, e que aliás também foi alvo de denúncias pela oposição, que apontou a existência de servidores de cargo comissionado com desvio de função, o cenário do esporte em Chapecó não se resumia unicamente a necessidade de incentivo às escolinhas, por mais necessária e generosa que fosse a intenção de permitir o desenvolvimento do esporte em bairros pouco estruturados, mas, um incentivo que correspondesse também às outras modalidades, idades, interesses e afins.

Se por um lado os investimentos estavam sendo planejados, sobretudo para atingir os bairros, em contrapartida, no centro da cidade, em local de ampla visibilidade pública, a pista de skate se apresentava um tanto que desfigurada. O impacto que recebera durante anos ocasionou danos em sua estrutura: cantoneiras soltas, corrimão amassado, grades estraçalhadas, desnivelamento e rachaduras no concreto, que por vezes se encontrava despedaçado, demonstra uma situação deplorável de abandono do poder público, condição essa que além de prejudicar o desenvolvimento do *skatismo* no “velho oeste”, oferecia riscos a própria segurança do praticante, aumentando a probabilidade de tombos e quedas.

Sob essa configuração, o visual e a finalidade da pista de skate em muito se assemelhava à do antigo moinho da cidade que em outros tempos pegara fogo, duas estruturas de frente uma à outra, cuja aparência ruínosa e abandonada pelos investimentos, traziam consigo um cenário decadente em plena região central. Entre paredes e pisos desgastados, surgia-se como vida as mensagens coloridas expressa pelos grafiteiros e pichadores da cidade. É bem verdade que, por vezes, uma situação de abandono se verificara pela localidade que abrange os dois espaços, mas que num ato de persistência, continuavam sendo ocupados, quando não somente por skatistas, também por praticantes de BMX e roller, aventureiros, artistas locais, moradores de rua e inclusive por dependentes químicos que se acolheram no local e transfiguraram-no às suas necessidades em um ponto de consumo.

Com o intuito de potencializar a prática do skate e repovoar esse espaço, durante o início do ano de 2007, os próprios skatistas em um ato de descrença à funcionalidade do governo municipal, tiveram que se organizar e buscar financiadores externos para arcar com parte das despesas de uma reforma que por via de regra haveria de ser pública.

A reforma da pista só foi possível porque teve o apoio da Comercial Girardi, que doou o material de construção, e porque os skatistas se uniram e arrecadaram dinheiro para pagar a mão de obra da reforma. “Não tivemos o apoio da prefeitura em nenhum momento. Eles se comprometeram de colocar as tomadas para podermos colocar o som aqui para o campeonato, mas nem isso fizeram”, destacou [Charles Girardi]. (Solange Oro, Voz do Oeste, 12 de fevereiro de 2007).

O estado de sucateamento e abandono da pista e a falta de investimentos na sua manutenção, são consequências da despreocupação com investimentos em obras públicas, o que não é novidade no Brasil e no que diz a responsabilidade de cada esfera pública, fato esse que nos remete a um clássico exemplo desse cenário, que ocorre frequentemente nas escolas desse país, que quando se encontram literalmente caindo aos pedaços, muitas vezes a própria administração escolar, através de arrecadações, mensalidades e recursos próprios, tentam revitalizar e dar novas caras ao espaço. Há de se considerar que esse tipo de ação vem a atenuar um compromisso e responsabilidade exclusiva do Estado, e no caso da reforma da pista de skate, um dever da gestão do município em se solidarizar com os skatistas da cidade.

Durante o final de semana do dia 10 e 11 de fevereiro de 2007, portanto, foi realizado um campeonato para comemorar essa reforma, que foi feita visando reparar os estragos ocorridos na estrutura original e também aproveitada para incorporar novos obstáculos, redefinindo o uso do espaço compreendido pela savana, o principal campo performático da pista. Mais de 40 jovens se inscreveram para a 2ª edição do campeonato “Chapecó SK8”, que além da participação dos skatistas locais, abrangeu praticantes do estado do Paraná e do Rio Grande do Sul⁷, numa fiel demonstração à necessidade da reforma em permitir promoção de eventos e a articulação de jovens de naturalidades diferentes, o que repercutiu no fortalecimento da cena, através de patrocínios, premiações, interação com a comunidade e apresentações musicais com a presença do grupo Hip Hop SC na Rima.

⁷ Solange Oro, Voz do Oeste, 12 de fevereiro de 2007.

Imagem 5: Folder de divulgação de campeonato.



Fonte: Associação Chapecoense de Skate (ACS).

Quando pensado a relação entre skate e esporte e a relevância dos campeonatos nesse processo, para o pesquisador Tony Honorato a esportivização do skate aparece como um elemento de diferenciação entre os skatistas, produzindo comportamentos mais elaborados e que distinguem as maneiras de viver a esfera lúdica no interior da própria atividade, em outras palavras, aqueles que manejam melhor o seu skate passam a se diferenciar dos demais praticantes. Quando o autor se refere aos primeiros registros associados a uma fase seminal do processo de esportivização do skate, ele atribui destaque para a ocorrência do primeiro grande campeonato, realizado no Rio de Janeiro no ano de 1975. (HONORATO, 2004).

“Com a organização de uma competição, foi preciso classificar os competidores, o que levou a uma diferenciação entre a natureza da prática do skate até então observada. A diferenciação ocorreu entre os praticantes, dos quais alguns passaram a ser competidores e, entre os próprios competidores, passou a existir níveis de classificação de suas manobras (complexas, refinadas e com estilo) como um elemento diferenciador”. (HONORATO, 2013, p. 99)

Nesse caso, o campeonato “Chapecó SK8 II”⁸ além de representar uma concepção esportiva do skate, de caráter competitivo e uso restrito dos espaços (pistas), mas

⁸ Continuação do evento realizado em 2006.

considerando sua importância na “propagação da atividade, maior sociabilidade entre os participantes e novas maneiras de sentir prazer tanto para os praticantes como para os espectadores”⁹, é também um esforço e continuidade à ocupação desse espaço que anunciava uma ausência, tanto por parte dos investimentos públicos quanto pela presença significativa dos skatistas.

Mas afinal, “a saga continua”, a movimentação dos skatistas anuncia um ressurgimento e a pista do calçadão por um breve período pôde novamente exercer o seu propósito de espaço público/esportivo/cultural, o que não duraria muito tempo, pois o seu fim que se aproximava, já era desejo para alguns cidadãos desde meados do ano de 2005: “Com relação aos adeptos do skate tem sido procurado o vereador [Itamar Agnoletto], para dar uma solução a estes desportistas por na Benjamin Constant [calçadão] não é possível eles ficarem.”¹⁰

Essa frase, embora sem especificações do remetente da solicitação, se de comerciantes ou moradores, já elucida uma posição de exclusão em relação ao espaço compreendido pelos skatistas. O próprio uso da palavra “solução” referindo-se aos praticantes, nos remete a uma noção de problema e conflito, e “não é possível eles ficarem” a uma decisão arbitrária, de negação à presença desses jovens em um ambiente que, embora público, curvava-se aos estabelecimentos em seu entorno, em valorização às atividades de consumo.

Durante as pesquisas, foi verificado que o ato de demolição da pista do calçadão não foi documentado nos jornais da cidade (Diário do Iguaçu e Voz do Oeste), o que dificultou uma precisão na localização da data desse acontecimento – ocorrido entre os meses de julho a setembro de 2007, período de construção e inauguração da Havan –, assim como uma explicação mais detalhada por parte das mídias e da prefeitura que pouco se manifestaram a respeito. Essa ausência do registro demonstra a falta de autonomia dos jornais da cidade de estarem publicando matérias que carregam um teor crítico e controverso. Sem dúvidas é um assunto um tanto frágil para gestão da época, pois além da demolição da pista de skate, tratava-se do próprio objetivo do calçadão da Benjamin Constant, que desmantelado em consequência da falta de investimentos, perdera sua finalidade e adquiriste nova forma, transformado hoje em um estacionamento rotativo, justificável a perspectiva de um projeto desenvolvimentista/comercial da cidade.

9 HONORATO, 2004. p. 3.

10 ATA nº 33/05 15ª Legislatura – 1ª Legislatura – 2ª Reunião Ordinária do mês de maio do ano de dois mil e cinco. p. 4.

Este é um assunto que poucos gostam de debater. Na verdade, o calçadão da Benjamin Constant perdeu a finalidade e sentido. Foi construído à época do prefeito Ledônio Migliorini, com o objetivo primeiro de cobrir o riacho. As luminárias nele implantadas só deram prejuízo porque malandros viviam quebrando as lâmpadas. Chegou-se até a usar o calçadão para alguns espetáculos e apresentações. Hoje, não serve para nada e o melhor a ser feito é fazer estacionamento. (Jornal do Iguaçu, 28 de setembro de 2007)

No mesmo dia dessa publicação sobre o calçadão da Benjamin Constant, que houve a exclusão por completo da pista e, doravante, da sociabilidade que ela proporcionava, o Vereador Paulinho da Silva emitiu uma nota na qual exigia explicações sobre o desmonte ocorrido:

O vereador Paulinho da Silva (PCdoB) quer que o presidente da Fundação Municipal de Desportos, Ivan Carlos Agnoletto, compareça à Câmara de Vereadores para debater a construção de uma nova pista de skate, bem como seu projeto e, onde será construída. Na verdade Paulinho quer explicação sobre o desmonte da pista construída no Calçadão da Benjamin Constant. Ele foi procurado por jovens adeptos de esportes radicais (skate e roller) preocupados com a medida. (Jornal do Iguaçu, 28 de setembro de 2007)

No dia 11 de outubro de 2007, no Jornal Diário do Iguaçu, houve um posicionamento do então presidente da Fundação de Desportos, de que já tinha em mãos o projeto de construção de uma nova pista no Complexo Esportivo Verdão, entregue pelos skatistas, e que ocuparia uma das antigas quadras de futebol situada nesse espaço. Nessa matéria foram explicitados os motivos da demolição da antiga pista, porém sem tantos esclarecimentos, como demonstrado na seguinte frase retirada do jornal: “Agnoletto havia recebido pedido de moradores, comerciantes e adeptos de esportes radicais para a transferência da pista para outro local.”¹¹ Vale a nota, de que essa mesma frase, com o uso repetido das palavras, também foi publicado em matéria do Jornal Voz do Oeste dos dias 12, 13 e 14 de outubro de 2007, demonstrando nesse caso a falta do conteúdo jornalístico, e também a inevitável impressão de uma frase “comprada”, ocultando qualquer parecer ou posicionamento mais detalhado e crítico desse acontecimento que exigia uma explicação mais digna à comunidade, principalmente aos que frequentavam o referido espaço.

Entre os skatistas e os posicionamentos das associações, é desconhecida a participação de qualquer praticante de skate nesse pedido de transferência da pista, o que gera dúvidas na afirmação do presidente da Fundação de Desportos, pois a importância atribuída a esse espaço era inegável entre seus usuários, que inclusive, meses antes do ocorrido, fizeram uma reforma

¹¹ Jornal Diário do Iguaçu, 11 de outubro de 2007.

com a finalidade de repercutir a movimentação do mesmo, em oposição ao descaso da prefeitura que se absteve enquanto os skatistas se mobilizavam.

Se as causas e justificativas da demolição da pista e da transformação do calçadão da Benjamin Constant foram pouco explicitadas por parte das autoridades e imprensas locais, por outro lado, as matérias vinculadas ao comércio e à chegada das lojas Havan em Chapecó se faziam em peso nos jornais, demonstração clara que os interesses na época – período em que ocorreu esses acontecimentos –, estavam atravessados por assuntos de economia e grandes empreendimentos, um subterfúgio para evitar colocações/contradições de um governo que se fez em desvalorização aos interesses da juventude e à ocupação dos espaços públicos.

Desde março de 2007 a Havan já vinha anunciando sua instalação no oeste catarinense, a maior loja de departamentos do país que com todo o seu “gigantismo” não vinha para se “adonar” do mercado, mas para complementá-lo. Tratava-se de um investimento de R\$ 10 milhões, ocupando uma área de 5 mil metros quadrados, local onde funcionou por mais de 40 anos a concessionária Ford.¹² (Jornal Diário do Iguaçu, 4 de junho de 2007).

A nova filial ocupa uma das áreas mais nobres da cidade-pólo do oeste catarinense, na avenida Getúlio Vargas, esquina com o calçadão da Benjamin Constant. Fiel à arquitetura da Casa Branca que marca o inconfundível estilo da Havan. “Conseguimos reeditar em Chapecó a mesma conceituação mercadológica conquistada pelas outras unidades – tornar a Havan um centro de turismo lazer e compras” assinalou o presidente da empresa, Luciano Hang. (Jornal Voz do Oeste, 6 e 7 de outubro de 2007).

Para os presidentes da Câmara de Dirigentes Lojistas (CDL) e da Associação Comercial Industrial de Chapecó (ACIC), a chegada da loja no município representava um ganho para a vasta clientela consumidora do Oeste Catarinense, e como consequência, o incremento da economia local. (Jornal Diário do Iguaçu, 4 de junho de 2007). Em outros casos, a instalação da loja representava a própria demolição da pista de skate:

Chapecó é uma cidade bonita, entretanto, como eu gosto de cidades grandes, sinto muita monotonia por aqui. Claro, tem bons lugares pra sair e tal.. mas algumas coisas que acontecem por aqui eu não entendo. O valor aos espaços públicos é algo que me preocupa. Por exemplo, qnd mandaram destruir a famosa pista de Skate de Chapecó, pra dar espaço para a porcária das lojas Havan.. demolição de uma obra pública em uso pra uma porcária dessas, é o fim da picada! O pessoal usava direto a pista..(feita com \$\$ público).. e a droga da iniciativa privada ferra com o lazer da galera.. é fôda! (Opala Preto, 29 de novembro de 2007, 04:45 PM.)¹³

¹² Terreno de localização muito próxima à antiga pista de skate.

¹³ Comentário retirado de um fórum virtual dedicado a troca de informações sobre arquitetura e desenvolvimento urbano, chamado *skycrapercity*.

A presença dos skatistas em região centralizada e a proposital situação de abandono do poder público, que deturpou a área compreendida pelo calçadão x pista x moinho, pode ser interpretada como uma grande mancha escura em meio ao tecido urbano central de Chapecó, um tipo de contaminação e desvio ao ideal de cidade que se planejava. Abandonar, destruir e “revitalizar” foram os meios utilizados para justificar e transformar o uso desse espaço, mudanças que se opõe nitidamente à finalidade antes atribuída ao local, pensado numa ocupação pública, e que, em ressonância às parcerias público-privadas, adquire fielmente características mais propensas ao consumo local e turístico, um espaço hoje movido a dinheiro, produtos industrializados e refeições de alto custo em restaurantes elitizados.

Em consideração a essas transformações que ocorrem nas cidades, Izabela Naves Coelho Teobaldo escreve que os espaços urbanos são produzidos e financiados através de parcerias público-privadas com rápida apropriação pelos mecanismos de mercado, que produzem novas seletividades e afastamentos sociais. Um processo de gentrificação onde há a eliminação dos aspectos culturais de um determinado espaço ocupado. (TEOBALDO, 2010).

Imagem 6: Grupo de skatistas reunidos no piso que sobrou pós destruição da pista.



Fonte: Arquivo pessoal de Matheus Eduardo. Ano de 2007.

Após a destruição da pista, a prática do skate continuou a se fazer nos escombros desse espaço. O piso que sobrou era aproveitado de forma a adaptar alguns obstáculos, como

rampas de compensado, corrimãos e caixotes, e também considerado um local de encontros de certos grupos, promovendo uma sociabilidade entre a juventude chapecoense. Isso demonstra que a destruição da pista não foi um fator determinante para tirar os skatistas da região do calçadão, na verdade, os mesmos passaram a ocupar o próprio estacionamento da Havan e suas proximidades do outro lado da rua, no antigo piso da “MDM” Morandini de Marco, o que provocou um aumento das rondas e ataques policiais e também complicações com guardas e seguranças das empresas em que os skatistas se situavam.

Há de se considerar que a ocupação do estacionamento da Havan se estende até a atualidade, se transformou num *pico*, mas houve um auge no ano de 2015, onde se verificava maior movimentação e uma série de ocupações distintas como: crianças praticando skate, bike e patins, supervisionadas e acompanhadas pelos seus pais. Grupos de skatistas da modalidade *street* e *longboard*, inclusive praticantes femininas, deslizando sob o amplo estacionamento e também adaptando obstáculos no local. Praticantes de patins e roller, atividade que hoje está quase extinta na cidade. E jovens músicos e aspirantes fazendo rodas de violão e batalhas de rap. Conforme a noite caía e a ocupação se intensificava, chegava-se até a encontrar crianças indígenas Kaingang andando de skate, que se permitiam um momento de diversão quando estavam perambulando nas noites e madrugadas vendendo artesanato pelas ruas, provavelmente quando suas mães dormiam acampadas em becos, fachadas de lojas e marquises.

É explícito a falta de espaços públicos dedicados ao lazer, e como isso compromete essas experiências juvenis e trocas culturais que constantemente são interrompidas e enquadradas pela polícia. A pista de skate foi destruída, o calçadão, que poderia ter se potencializado culturalmente, também foi destruído, o que vem a somar à cidade de Chapecó a característica de um local bastante monótono e de poucos espaços verdadeiramente públicos e com alternativas de lazer para a juventude. Realidade essa que pode ser verificada desde a década de 1990 em uma música da Banda Repolho:

Eu moro na cidade a cidade é Chapecó
 No centro e nos bairro são tudo uns bocó
 De dia não tem nada de noite também não
 E no fim de semana todos lá no calçadão
 E todos se encontram lá no calçadão
 E ficam todos se olhando com umas cara de bundão
 Nada acontece não tem nada pra fazê
 Você olha pra mim e eu olho pra você

Assim é a cidade a cidade é Chapecó
 Do jeito que está vai de mal a pior
 É Chapecó! É Chapecó! É Chapecó! É Chapecó!
 (Trecho da música “Chapecó”, Banda Repolho, volume 1. 1997).

Nesse sentido Norbert Elias escreve que um dos principais traços fisionômicos das sociedades diferenciadas do nosso tempo é o fato de apresentarem uma variedade de atividades de lazer superior a qualquer outra sociedade que se possa imaginar. Entre essas ocupações de lazer, o desporto, seja em sua forma de prática ou espetáculo, conduz a uma excitação crescente e a um sentimento de êxtase, o que pode servir como antídoto às tensões provenientes de uma sociedade complexa, verificada pelos altos níveis de stress entre os indivíduos. A sociedade que não oferece a seu público, sobretudo aos mais jovens, oportunidades suficientes para a excitação, arrisca-se a entorpecer a vida de seus membros, podendo não proporcionar corretivos complementares suficientes para as tensões produzidas pelas rotinas regulares da vida social. (ELIAS, 1992).

Em abril de 2008, segundo o requerimento nº – 70/80, de autoria do Vereador César Valduga, foi realizado um debate na Câmara Municipal de Chapecó com a finalidade de realizar um encontro entre os skatistas e o Presidente da Fundação de Esportes, para discutir a construção de uma nova pista de skate que se arrastava por um longo período.

Com ampla presença dos skatistas, o debate entre os vereadores inicia-se com as falas de Marcelino Chiarello:

Inicialmente disse que o atual governo acabou por abandonar a pista de skate construída pela administração anterior. “Atropelaram” a juventude do centro da cidade, não dando resposta qualquer aos que frequentavam a antiga pista. Não há qualquer iniciativa visando equacionar o problema. Não há até o momento qualquer movimentação para a construção de outra pista. Estão “enrolando”. Lembrou que a administração anterior tinha investimentos visando a juventude, o que não ocorre neste governo. Até o momento, nesta administração, não foi construído um ginásio sequer, ao revés, foi destruído a pista de skate. É só enrolação, só engano, só discurso que move o governo. Conclui dizendo que este governo não tem projeto, não tem programas para a juventude de Chapecó.

Em seguida o Vereador Alsari Balbinot:

Comentou que várias vezes foi procurado pelos skatistas, que se mostraram preocupados com a situação em Chapecó, onde não há nenhuma pista pra prática do esporte. (...) Disse que o erro da administração municipal foi destruir a pista existente antes de construir uma nova pista, para que os jovens pudessem utilizar. (...) Lembrou que no momento em que a pista antiga foi desmanchada, a administração informou

que uma nova pista seria construída junto ao complexo esportivo do Verdão, e até o momento nada foi feito.

Paulinho da Silva:

(...) Disse ter ficado indignado ao ver as máquinas da prefeitura desmontando a pista de skate, deixando os jovens sem local para prática do esporte. (...) Lembrou que inicialmente foi construída uma pista de madeira, em um local próximo ao ginásio Ivo Silveira, pois na época não haviam recursos para a construção da pista, mas os jovens foram os responsáveis pela organização. Logo depois foi construída a pista junto ao calçadão, que lá permaneceu até pouco antes da inauguração de uma grande loja de departamentos naquela rua. Questionou se o fato de os jovens se reunirem em frente ao estacionamento da loja iria atrapalhar o movimento da mesma, ou se a pista iria envergonhar a cidade.

Cesar Valduga:

(...) Salientou que muitas cidades bem menores do que Chapecó, a exemplo de Coronel Freitas, possuem um espaço destinado a esse esporte. Disse que alguns praticantes de skate estão desenvolvendo uma rifa, com o objetivo de arrecadar recursos para a construção de “caixotes” para que os atletas possam treinar, a fim de participar de campeonatos que serão realizados em breve na região. (...) Também comentou o fato de que a pista que havia foi desmanchada no momento em que uma grande loja se instalou próximo ao local onde estava construída.

Itamar Agnoletto:

(...) Sobre a retirada da pista antiga, disse que haviam abaixo-assinado de moradores para a retirada da mesma, sendo que até mesmo alguns usuários assinaram o mesmo, solicitando a mudança de local. Mostrou um projeto apresentado pelos próprios skatistas como sugestão de construção. Disse que retirada era uma solicitação unânime. Sobre a construção, disse que em dois mil e dois foram gastos cerca de cinquenta e sete mil reais para a construção da antiga pista, sendo que havia uma proposta de construção de uma pista móvel, que poderia ser levada para os diversos bairros, a fim de promover o esporte. Disse que o projeto [de uma nova pista] existe sim, elaborado pela prefeitura no ano de dois mil e sete, que custará quarenta e sete mil reais. (...)

Paulinho da Silva em resposta às falas do Agnoletto, disse que nenhum skatista assinou pela retirada da pista e, quando conversou com o reitor da UDESC – Universidade que estava provisoriamente instalada em frente a antiga pista –, foi informado de que os jovens não atrapalhavam as aulas universitárias. Esclareceu que a administração anterior construiu um local dedicado a juventude da cidade, e a atual administração a demoliu, e nada foi feito para se construir um novo espaço. Por fim, solicitou a aprovação do requerimento

para que o presidente da Fundação de Desportos concedesse as devidas explicações aos jovens.

Cesar Valduga comentou que os vereadores não podem permitir que os próprios skatistas construam caixotes improvisados com a finalidade de treinar para competições de nível nacional, e em relação ao projeto de uma nova pista, solicitou que os skatistas, que serão usuários, participem da construção da mesma, apresentando ideias e sugestões. Marcelino Chiarello comentou que a administração prometeu a construção de outra pista, por isso haveria de ser feita, para que não caísse no descrédito da população. Lembrou que a atual administração já repassou cerca de quinhentos mil reais para a Associação Chapecoense de Futebol, e alega não ter cinquenta mil reais para a construção da pista de skate. Disse que o atual governo está dando um “calote” nos jovens skatistas.

Delvino Dall Rosa:

(...) Salientou que mesmo com toda gritaria dos vereadores de oposição, quem pode decidir por construir ou não uma pista é a administração municipal. Solicitou ao Vereador Itamar Agnoletto que agende uma reunião entre o prefeito e os skatistas, juntamente com os vereadores da base governista, a fim de ouvir os jovens, para que possam dar sugestões para melhoria do projeto existente. Salientou que a aprovação ou não do requerimento não influenciará em nada o andamento das coisas. Garantiu que a retirada da pista não teve nada a ver com a instalação da loja Havan em local próximo. Criticou a forma como os vereadores da oposição fazem política, se aproveitando das obras feitas para distribuição de panfletos aos interessados.

Em questão de ordem, o vereador Delvino Dall Rosa solicitou que fosse suspensa a sessão por até três minutos para encaminhamento da votação. O requerimento nº – 70/80, de autoria do Vereador César Valduga é rejeitado por maioria, sendo seis votos contrários dos Vereadores: Delvino Dall Rosa, Raul Perizzolo, Ulda Baldissera, Dalmir Pelicioli, José Célio Portela e Itamar Agnoletto, e quatro votos favoráveis dos Vereadores: Alsari Balbinot, César Antonio Valduga, Paulinho da Silva e Marcelino Chiarello, ausente o Vereador Arestide Fidelis.

Durante as falas dos Vereadores, é notável pelas participações e também pelas abstenções – determinantes na rejeição do requerimento –, quem estava mais inteirado na causa dos skatistas, assim como é perceptível as divergências de opiniões e possíveis distorções de fatos. Enquanto um diz que os próprios usuários assinaram o abaixo-assinado de demolição da pista do calçadão, o outro afirma que nenhum skatista assinou pela retirada da mesma. Dois Vereadores questionaram o momento de demolição ocorrido em consonância a recém-chegada de uma grande loja de departamentos nas proximidades da pista, e outro garante que isso não teve influência nenhuma. Porém, há de se considerar o contexto, não

vem ao caso situar um único motivo causador dessa demolição, mas sim, uma série de fatores envolventes a fim de evitar determinismos, pois como verificado, o interesse de acabar com esse espaço vem desde o ano de 2005; as modalidades esportivas da cidade foram afetadas devido ao corte de recursos anunciado em fevereiro de 2007; os projetos políticos e de desenvolvimento urbano de Chapecó apontavam para uma desvalorização aos interesses públicos em prol dos privados; nesse caso, a Havan pode ser entendida apenas como o pontapé final para que de fato se realizasse a vontade dos proprietários dos imóveis e comerciantes locais, e assim transformar o calçadão num espaço dedicado não mais às pessoas, mas aos automóveis, um estacionamento exclusivo para a clientela dos donos de restaurantes e lojistas dessa rua.

No ano de 2009, os skatistas e alguns adeptos da causa se organizaram e foram às ruas para reivindicar a construção de um novo espaço. Após mobilizações e protestos, firmaram um acordo com o prefeito da cidade, e o projeto de uma nova pista, que já existia desde 2007 e se estendeu por mais de dois anos, finalmente seria posto em prática, sendo o local escolhido o Complexo Esportivo do Verdão, um ambiente dedicado aos esportes, com uma boa área arborizada, porém bastante afastada da região central da cidade. A felicidade desses jovens duraria pouco, pois a pista do Verdão acabou por ser um grande desastre, resultado da falta de um acompanhamento especializado e má execução das obras, fato esse que comprometeu o uso do espaço e ganhou entre alguns skatistas o codinome de “pirâmides do Verdão” ou “montanha faraônica de concreto”, um local (quase) impraticável ao skate, principalmente às novas gerações que pouco se desenvolveram em meio a tantos precipícios.

Em relação ao projeto de construção da pista do Verdão, segue o trecho coletado em jornal:

(...) Agora ele [Presidente da Fundação de Desportos] faz pesquisa de custos para construir a nova pista com o menor valor possível. Lembra que a pista demolida junto ao calçadão construída a cinco anos custou R\$ 60 mil, valor absurdo para época. “Jogaram dinheiro fora e nós não vamos fazer isso”, disse Ivan Carlos Agnoletto. Ele tem um custo previsto de R\$ 48 mil, R\$ 12 mil a menos que a antiga e busca ainda reduzir este custo apresentado. (Jornal Voz do Oeste. 12, 13 e 14 de outubro de 2007).

Verifica-se no posicionamento do Presidente da Fundação de Desportos, a tentativa de minimizar o máximo possível os custos da pista do Verdão, que chegou a um valor de R\$ 48 mil, o que poderia ter uma ligação direta com a má execução das obras. Porém, surpreendentemente, o custo final da pista passa a triplicar no período de dois anos e meio quando foi inaugurada em 2010 – tratava-se do mesmo projeto segundo a ACS –, com um investimento anunciado de R\$ 150 mil, um valor consideravelmente alto em relação a

estimativa inicial, e também questionável considerando o resultado catastrófico de sua construção, que repercutiu negativamente a cena do skate, trazendo ao espaço as características de um local semiabandonado e de pouco uso entre os skatistas, além da inevitável ligação com o desperdício de dinheiro público.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Cadê a pista?” Uma questão recorrente entre os skatistas, que há mais de doze anos não possuem um espaço público apropriado para o desenvolvimento do skate chapecoense. Não é a toa que essa pergunta foi motivo de pichações, a começar sem tardar com a trágica demolição de 2007, verificado inicialmente nas paredes/murais do antigo moinho da cidade. Posteriormente, após uma camada de tinta branca ter sido aplicada em ocultação às intervenções do moinho – atividade periódica por parte da prefeitura –, e os escombros/vestígios da antiga pista terem se transformado em quatorze vagas de estacionamento, alguns skatistas em exercício do nomadismo se locomoveram para outros espaços, e a mesma pergunta aparece pichada no muro da casa/mansão dos “véio” Tozzo, em frente ao *pico* do castelinho, com um símbolo desengonçado do anarquismo ao lado. Os anos se passaram, e hoje o piche se encontra novamente em seu local original, letras maiúsculas de coloração negra em posição frontal ao “novo calçadão de Chapecó” – como alguns se referem ao atual estacionamento –, uma mensagem pública de indignação e insatisfação que reverbera sonhos antigos desses jovens, uma memória trágica estampada no concreto, mas acima disso, uma afronta a própria concepção/organização de cidade e à finalidade atribuída aos espaços centrais da cidade de Chapecó, que rapidamente se reconfiguraram pelos mecanismos de mercado e exclusão.

O ato de andar de skate, para além das pistas, possui uma característica bastante própria, mutável, de se reinventar e adaptar-se ao meio urbano e de ser praticado inclusive em locais abandonados e ressignificados com suas rodas. O que não se verifica em modalidades esportivas tradicionais, que comumente se definem através de uma série de imposições normativas e também pelas cobranças e cumprimentos de suas respectivas regras. Essa característica traz ao skate uma singularidade, um não esporte, uma prática corpórea livre, onde cada praticante exerce o seu próprio estilo, a cidade é seu grande campo, assim como todas as coisas que nela existam podem ser consideradas adversidades/obstáculos a serem enfrentados/superados. Não há limites para o olhar, e também não há ausência de pista que impeça o praticante de ocupar os espaços privilegiados e centrais da cidade e assim fazer jus ao seu propósito skatista: viver intensamente o meio urbano e transmutar o uso dos espaços.

“Sesei, sesei domos, despi, num póx!”

FONTES

Biblioteca Pública Municipal de Chapecó Neiva Maria Costella:

Diário do Iguaçu, 3 de fevereiro de 2007

Diário do Iguaçu, 4 de junho de 2007

Diário do Iguaçu, 10 de agosto de 2007

Diário do Iguaçu, 26 de setembro de 2007

Diário do Iguaçu, 28 de setembro de 2007

Diário do Iguaçu, 11 de outubro de 2007

Centro de Memória do Oeste Catarinense (CEOM):

Voz do Oeste, 6 de fevereiro de 2007

Voz do Oeste, 12 de fevereiro de 2007

Voz do Oeste 12 de junho de 2007

Voz do Oeste, 27 de agosto de 2007

Voz do Oeste 6 de setembro de 2007

Voz do Oeste, 6 e 7 de outubro de 2007

Voz do Oeste, 2, 13 e 14 de outubro de 2007.

Diário do Iguaçu, 31 de março de 2003.

Diário do Iguaçu, 24 e 25 de fevereiro de 2007.

Câmara Municipal de Chapecó:

ATA nº 33/05 15ª Legislatura – 1ª Legislatura – 2ª Reunião Ordinária do mês de maio do ano de dois mil e cinco. p. 4.

ATA nº 27/08 15ª Legislatura – 4ª Sessão Legislativa – 7ª Reunião Ordinária do mês de abril do ano de dois mil e oito. Requerimento nº – 70/08. p. 3 – 7.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Leonardo. **Esportes de ação:** notas para uma pesquisa acadêmica. Rev. Bras. Ciênc. Esporte, Campinas, v. 32, n. 1, p. 59-73, setembro 2010.

BRANDÃO, Leonardo. **A Cidade e a tribo skatista:** juventude, cotidiano e práticas corporais na história cultural. Dourados : Ed. UFGD, 2011.

BRANDÃO, Leonardo. **Para além do esporte:** uma história do skate no Brasil – Blumenau : Edifurb, 2014.

CHAVES, C.; BRITTO, E. (Org). **A onda dura:** 3 décadas de skate no Brasil. São Paulo: Parada Inglesa, 2000.

ELIAS, N e DUNNING, Eric. **A busca da excitação.** Lisboa: Difel, 1992.

FACCO, Janete. FUJITA, Camila. BERTO, James Luiz. **AGROINDUSTRIALIZAÇÃO E URBANIZAÇÃO DE CHAPECÓ-SC (1950 – 2010): UMA VISÃO SOBRE OS IMPACTOS E CONFLITOS URBANOS E AMBIENTAIS.** Revista do Desenvolvimento Regional, vol. 19, núm. 1, abril, 2014.

GRETZLER, Cristiane. ALBA, Rosa Salete. **A entrada das grandes redes de lojas em Chapecó a partir do ano de 2000 e as repercussões na reorganização urbana da cidade.** In: 12º Encuentro de Geógrafos de América Latina, 2009, Montevideo. Caminando em una América Latina em transformación, 2009.

HASS, Monica. ALDANA, Myriam. BADALOTTI, Rosana Maria. **O Plano Diretor de Chapecó (SC) e a possibilidade de um pacto social à luz dos princípios do Estatuto da Cidade.** Revista de Ciências Sociais Unisinos. Volume 44 - Número 3 – set/dez 2008.

HONORATO, Tony. **Uma história do skate no Brasil:** do lazer à esportivização. Anais do XVII Encontro Regional de História – O lugar da História. ANPUH/SPUNICAMP. Campinas, 6 a 10 de setembro de 2004.

HONORATO, Tony. **A esportivização do skate (1960-1990):** relações entre o macro e o micro. Rev. Bras. Ciênc. Esporte, Florianópolis, v.35, n. 1, p. 95-112, jan./mar. 2013.

JACQUES, P. B. **Errâncias urbanas:** a arte de andar pela cidade. Caminhos alternativos à espetacularização das cidades. ARQTEXTO (UFRGS), Porto Alegre, 2005.

MACHADO, Giancarlo Marques Carraro. **De “carrinho” pela cidade:** a prática do street skate em São Paulo. Dissertação (Mestrado em Antropologia), USP, 2011.

PEREIRA, Júlio Gabriel de Sá. **Um olhar socioetnográfico sobre a prática dos skatistas na “trinda”** (Florianópolis/SC). Cadernos NAUI, vol. 4, n. 7, jul-dez 2015.

TEOBALDO, Izabela Naves Coelho. **A cidade espetáculo:** efeito da globalização. Sociologia: Revista do Departamento de Sociologia da Flup, Vol. XX, 2010, pág. 137 – 148.

ANEXOS

ESTADO DE SANTA CATARINA
CÂMARA MUNICIPAL DE CHAPECÓ

Requerimento nº-70/08, de autoria do Vereador César Valduga; rejeitado por maioria, sendo seis votos contrários dos Vereadores: Delvino Dall Rosa, Raul Perizzolo, Ulda Baldissera, Dalmir Pelicioli, José Célio Portela e Itamar Agnoletto, e quatro votos favoráveis dos Vereadores: Alsari Balbinot, César Antonio Valduga, Paulinho da Silva e Marcelino Chiarello, ausente o Vereador Arestide Fidelis. Em discussão, manifestaram-se: Vereador **Marcelino Chiarello**: Inicialmente disse que o atual governo acabou por abandonar a pista de skate construída pela administração anterior. “Atropelaram” a juventude do centro da cidade, não dando resposta qualquer aos que freqüentadores da antiga pista. Não há qualquer iniciativa visando equacionar o problema. Não há até o momento qualquer movimentação para a construção de outra pista. Estão “enrolando”. Lembrou que a administração anterior tinha investimentos visando a juventude, o que não ocorre neste governo. Até o momento, nesta administração, não foi construído um ginásio sequer, ao revés, foi destruído a pista de skate. É só enrolação, só engano, só discurso que move o governo. Concluiu dizendo que este governo não tem projeto, não têm programas para a juventude de Chapecó. Vereador **Alsari Balbinot**: Saudou a todos os presentes e comentou que varias vezes foi procurado pelos skatistas, que se mostraram preocupados com a situação encontrada em Chapecó, onde não há nenhuma pista pra prática do esporte. Disse acreditar que o requerimento será aprovado, para que o secretário de esportes venha apresentar as informações aos jovens. Salientou o grande número de jovens que acompanham a sessão, reivindicando algo que já existia na cidade, que é a pista de skate. Disse que o erro da administração municipal foi destruir a pista existente antes de construir uma nova pista, para que os jovens pudessem utilizar. Sobre a justificativa de que não haveria dinheiro, salientou que a prefeitura gastou cerca de seis milhões de reais em publicidade nos últimos anos, bem como serão gastos cerca de dezoito milhões para a construção do centro de eventos, que segundo o Vereador, não terá capacidade para realização de grandes eventos. Lembrou ainda a construção da ciclovia, no prolongamento da avenida Getúlio Vargas, que já dura mais de um ano. Contestou ainda a contratação de uma empresa de assessoria, que cobrou cerca de cinco milhões de reais para auxiliar na elaboração de projetos para a secretaria de planejamento. Questionou os projetos feitos por tal empresa. Somando-se tais gastos, estariam sendo gastos cerca de trinta milhões de reais, que segundo o vereador, estariam sendo mal investidos. Novamente comentou sobre a importância de aprovar o requerimento para debater com os responsáveis as ações que serão tomadas para a construção da nova pista. Lembrou que desde o ano passado há conversas de que o projeto está pronto, mas até o momento nada foi construído. Lembrou que no momento em que a pista antiga foi desmanchada, a administração informou que uma nova pista seria construída junto ao complexo do Verdão, e até o momento nada foi feito.



ESTADO DE SANTA CATARINA
CÂMARA MUNICIPAL DE CHAPECÓ

Cobrou mais responsabilidade por parte de quem administra os recursos públicos. Declarou voto favorável ao requerimento. Vereador **Paulinho da Silva**: Após saudação inicial, parabenizou a organização dos skatistas presentes, que acompanham o debate e buscam suas conquistas. Disse que o objetivo do requerimento é realizar um encontro entre os skatistas e o Presidente da Fundação de Esportes, para debater a construção da nova pista de skate, que se arrasta por um longo período. Disse ter ficado indignado ao ver as máquinas da prefeitura desmontando a pista de skate, deixando os jovens sem local para prática do esporte. Lembrou que na época em que era secretário de esportes, se reuniu com os jovens praticantes do skate, e formaram uma associação, denominada SK8, que organizava os jovens para que não ficassem andando de skate em locais impróprios. A partir daí, foi definida a necessidade de construção de um local para que todos pudessem utilizar, realizando suas manobras, sem prejudicar os demais. Lembrou que inicialmente foi construída uma pista de madeira, em um local próximo ao ginásio Ivo Silveira, pois na época não haviam recursos para a construção da pista, mas os jovens foram os responsáveis pela organização. Logo depois foi construída a pista junto ao calçadão, que lá permaneceu até pouco antes da inauguração de uma grande loja de departamentos naquela rua. Questionou se o fato de os jovens se reunirem em frente ao estacionamento da loja iria atrapalhar o movimento da mesma, ou se a pista iria envergonhar a cidade. Disse que até o momento nada de concreto foi repassado aos jovens. Os mesmos não sabem se realmente será construída outra pista, onde será construída, qual seu modelo, nada. Disse que os jovens querem apenas ter conhecimento de tais informações. Lembrou que uma reunião entre o presidente da Fundação e os skatistas já havia sido marcada, mas em função de um campeonato que estava sendo realizado, a reunião não pode ser realizada, e não foi possível ainda marcar outra data. Questionou se realmente há projeto para construção da nova pista, bem como se há local destinado e prazo para início da obra. Disse não ver restrições para o agendamento de uma reunião entre os jovens e o responsável pelo departamento competente. Comentou sobre o baixo número de praças de lazer construídas pela administração atual. Vereador **Cesar Valduga**: Cumprimentou a todos os presentes, e se disse solidário aos skatistas, que ora se reúnem para reivindicar um local para a prática do esporte. Comentou sobre o fato que os skatistas não tem espaço para a prática do esporte, e muitas vezes acabam indo para a rua andar com seu skate, correndo risco de acidentes. Salientou que muitas cidades bem menores do que Chapecó, a exemplo de Coronel Freitas, possuem um espaço destinado a esse esporte. Disse que alguns praticantes de skate estão desenvolvendo uma rifa, com o objetivo de arrecadar recursos para a construção de 'caixotes' para que os atletas possam treinar, a fim de participar de campeonatos que serão realizados em breve na região. Acredita que outros



ESTADO DE SANTA CATARINA
CÂMARA MUNICIPAL DE CHAPECÓ

vereadores também estão sensibilizados com a situação, pois isso só ocorre por falta de um espaço adequado para a prática do skate. Lembrou que há muito se fala que uma nova pista será construída junto ao complexo do Verdão. Acredita que a demora para a construção não seja por falta de projeto, pois isso é fácil. Apresentou cópia de vários projetos de pistas de skate, principalmente em cidades gaúchas. Comentou sobre os recursos repassados para outras entidades, como o Núcleo de Criadores de Cavalos. Disse que os jovens tem todo o direito de reclamar a construção da pista. Para o Vereador, é preciso que os vereadores não se furtem do debate, e busquem as soluções dos problemas. Comentou sobre a importância da participação da comunidade no acompanhamento das sessões. Disse que é preciso analisar as matérias sem se preocupar da ideologia partidária. Também comentou o fato de que a pista que havia foi desmanchada no momento em que uma grande loja se instalou próximo ao local onde estava construída. Finalizou dizendo não ver problemas na aprovação do mesmo. Em justificativa de voto, Vereador **Itamar Agnoletto**: Saudou a todos e disse também gostar de skate, mas quando criança não teve condições de adquirir um. Sobre a retirada da pista antiga, disse que haviam abaixo-assinado de moradores para a retirada da mesma, sendo que até mesmo alguns usuários assinaram o mesmo, solicitando a mudança de local. Mostrou um projeto apresentado pelos próprios skatistas como sugestão de construção. Disse que retirada era uma solicitação unânime. Sobre a construção, disse que em dois mil e dois foram gastos cerca de cinquenta e sete mil reais para a construção da antiga pista, sendo que havia uma proposta de construção de uma pista móvel, que poderia ser levada para os diversos bairros, a fim de promover o esporte. Disse que o projeto existe sim, elaborado pela prefeitura, no ano de dois mil e sete, que custará quarenta e sete mil reais. Comentou que gosta muito do esporte, e respeita os skatistas. Confirmou uma reunião entre os skatistas e o presidente da Fundação de Esportes, para apresentar o projeto e todos os detalhes para os jovens. Vereador **Paulinho da Silva**: Questionou se algum skatista havia utilizado a pista móvel, que foi oferecida à prefeitura, mas não apresentava mais condições de uso, sendo que os próprios skatistas rejeitaram a compra. Sobre os custos, disse que construir a pista em um local de terra é mais barato do que construir uma pista toda aérea, além disso alguns materiais tiveram redução de preços. Sobre o abaixo-assinado, disse que nenhum skatista assinou pela retirada da pista. Comentou que em contato com o reitor da Udesc, que possui um campi em frente a antiga pista, e estes informaram que os jovens não atrapalhavam as aulas. Disse não ser contrário a retirada da pista do local em que estava, desde que uma nova fosse construída antes. Comentou que de uma forma ou outra a administração anterior construiu uma pista, e a atual demoliu a mesma a mais de um ano e até agora não foi construída uma nova. Solicitou aprovação do requerimento para que o presidente da Fundação dê as devidas



ESTADO DE SANTA CATARINA
CÂMARA MUNICIPAL DE CHAPECÓ

explicações aos jovens. Em questão de ordem o Vereador **Marcelino Chiarello** solicitou cópia de alguns materiais apresentados pelo Vereador Itamar Agnoletto. Em justificativa de voto, Vereador **Cesar Valduga**: Disse que os vereadores não podem permitir que os jovens construam 'caixotes' para treinar para competições nacionais. Se de fato há um projeto, elaborado ainda em dois mil e sete, solicitou que os skatistas, que serão usuários, possam participar da construção da mesma, apresentando idéias e sugestões. Lembrou que quando alguns atletas de outras regiões vem para Chapecó, é preciso ir para outros municípios da região para ter acesso a alguma pista, já que Chapecó não possui nenhuma. Vereador **Marcelino Chiarello**: Disse ser favorável ao requerimento, e lembrou que a administração prometeu a construção de outra pista, por isso é preciso que isso seja feito, para que a administração não caia no descrédito da população. Sobre os custos para construção da pista antiga, disse que ninguém tem provas de que alguém ligado a administração tenha 'embolsado' recursos públicos. Lembrou que a administração já repassou cerca de quinhentos mil reais para a Associação Chapecoense de Futebol, e alega não ter cinquenta mil reais para a construção da pista de skate. Disse que o atual governo está dando um 'calote' nos jovens skatistas. Vereador **Delvino Dall Rosa**: Saudou a todos e parabenizou aos skatistas pela organização. Salientou que mesmo com toda a gritaria dos vereadores de oposição, quem pode decidir por construir ou não uma pista é a administração municipal. Solicitou ao Vereador Itamar Agnoletto que agende uma reunião entre o prefeito e os skatistas, juntamente com os vereadores da base governistas, a fim de ouvir os jovens, para que possam dar sugestões para melhoria do projeto existente. Salientou que a aprovação ou não do requerimento não influenciará em nada o andamento das coisas. Garantiu que a retirada da pista não teve nada a ver com a instalação da loja Havam em local próximo. Criticou a forma como os vereadores da oposição fazem política, se aproveitando das obras feitas para distribuição de panfletos aos interessados. Vereador **Alsari Balbinot**: Disse que a única maneira dessas pessoas serem ouvidas, é através dos requerimentos que a oposição está fazendo. Exemplo disso, é a indicação aprovada por esta Casa e de sua autoria, que solicitava a restauração do Restaurante popular, onde as pessoas ficavam expostas as intempéries ao aguardar na fila. Porém o Prefeito e diz publicamente que o projeto já estava aprovado desde o ano passado. Ora, se estava aprovado o projeto, o porquê ainda não foi feito. Sabe-se que dinheiro tem. E ainda, deve-se parar com esse discurso vazio de que as pessoas não procuram os vereadores certos para as suas reivindicações. Isso é falta de conteúdo, falta de entendimento de política pública. Em questão de ordem, o Vereador **Delvino Dall Rosa** solicitou que fosse suspensa a Sessão por até três minutos para encaminhamento de votação. Retornando aos trabalhos, Em questão de ordem, o Vereador **Paulinho da Silva** solicitou que consoante ao



ESTADO DE SANTA CATARINA
CÂMARA MUNICIPAL DE CHAPECÓ

Regimento Interno a votação do requerimento fosse nominada. Em Votação Requerimento nº-70/08, de autoria do Vereador César Valduga; rejeitado por maioria, sendo seis votos contrários dos Vereadores: Delvino Dall Rosa, Raul Perizzolo, Ulda Baldissera, Dalmir Pelicioli, José Célio Portela e Itamar Agnoletto, e quatro votos favoráveis dos Vereadores: Alsari Balbinot, César Antonio Valduga, Paulinho da Silva e Marcelino Chiarello, ausente o Vereador Arestide Fidelis. Requerimento nº-75/08; de autoria do Vereador Paulinho da Silva; inscreveram-se para discutir o referido requerimento os Vereadores: Marcelino Chiarello, José Célio Portela e Itamar Agnoletto. Não havendo mais matéria na pauta do Expediente, o Senhor Presidente encerrou o mesmo e passou direto para a Ordem do Dia, dispensando o intervalo regimental de cinco minutos, conforme deliberação do plenário. E não havendo matéria na Ordem do Dia, nem vereadores inscritos para se manifestar, o Senhor Presidente anunciou para a pauta os Projetos nº- 70, 95, 99, 100, 101, 103, 106, 107 e 108/08, e demais projetos com prazo expirado, e convocou os Senhores Vereadores para a próxima reunião ordinária, no dia vinte e cinco de abril de dois mil e oito a partir das dezessete horas os vereadores que fazem parte das comissões, e para as dezoito horas os demais vereadores, e deu por encerrada a presente reunião. A ata se aprovada contera a assinatura dos membros da Mesa Diretora.